



ENTREVISTA MARCELO NERI

País vive 'filme dramático' após década de avanço

EX-MINISTRO DE ASSUNTOS ESTRATÉGICOS DIZ QUE, SEM SOLUÇÃO CONJUNTA, GANHOS EM RENDA E NA REDUÇÃO DA DESIGUALDADE PODEM SER PERDIDOS

FERNANDO CANZIAN
DE SÃO PAULO

Um dos maiores especialistas do país em distribuição de renda, o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV-RJ, diz que o Brasil vive um “filme dramático” após uma década de avanços.

Ex-presidente do Ipea e ex-ministro da SAE/PR, Neri diz que os mais pobres vinham “bombando” por causa do mercado de trabalho até o governo Dilma 2, que agora entra em uma espiral de rápido aumento do desemprego.

“Quando analisamos os motivos de a renda ter crescido e a desigualdade caído, não é tanto por causa do Bolsa Família ou do impacto do

salário mínimo sobre a Previdência. O principal foi o peso da renda do trabalho, formal e informal”, afirma (veja quadro nesta página).

“O pobre não foi uma cigarrinha consumidora, mas um trabalhador que teve grande evolução na renda por meio do seu esforço”, afirma.



Folha - Entre 2003 e 2013, o PIB per capita no Brasil cresceu 30%, e a renda média, 58%. As projeções agora são de queda do PIB neste ano e em 2016. Qual o impacto sobre os avanços conquistados?

Marcelo Neri - Houve uma combinação de elementos que tornaram a última década especial. Não foi tanto o crescimento do PIB, mas o fato de ele ter crescido de maneira relativamente conti-

nua, o que não acontecia havia muito tempo. Além disso, a renda das pessoas cresceu bem mais do que o PIB, e esse crescimento se deu mais forte na base, com a redução da desigualdade.

A combinação dessas três coisas por um longo período gerou esse boom social. É o que a gente pode chamar de um “caminho do meio”, com redução da desigualdade e aumento do bem-estar.

O principal motivo foi a elevação da renda do trabalho, formal e informal.

O que é mais surpreendente é que desde 2011, quando o PIB parou de crescer, a renda média das pessoas continuou subindo acima do PIB, de maneira até mais forte.

O ano de 2012 foi o do Pibinho. A renda per capita subiu

7,5%; o PIB per capita cresceu menos de 1%. No biênio 2012 e 2013, a renda cresceu 5,5% per capita ao ano, já descontando a inflação, enquanto o PIB andou bastante de lado.

Vamos voltar para trás agora? Certamente, mas não para o começo nem para o meio do caminho, espero.

O desemprego está bem menor do que em outras crises, como em 2003 e 1999. Há mais emprego formal e gastos sociais. Isso impedirá uma alta drástica na desigualdade?

Exatamente. É verdade que houve uma reversão muito rápida no desemprego, acompanhada de redução de salários, o que teve impacto maior na queda da renda.

Mas, levando em conta os níveis das séries, ainda não é muito ruim. O problema é se entrarmos em crise crônica.

Estamos vivendo um filme dramático, com reversão de tendências muito rápidas.

É como se o sujeito achasse que tinha ganhado na loteria e descobrisse que não, que os números sorteadores eram outros. Ele achou que tinha ido para o céu, mas continua na terra. Não é que ele tenha ido parar no inferno.

O problema é que renda e emprego são os fundamentos da segurança familiar. Ir do céu à terra pode parecer, para alguns, como ir da terra para o inferno.

Economistas afirmam que a geração da nova classe média foi baseada em mais renda e consumo. Mas que o aumento do crédito foi o combustível do processo, e se esgotou.

O crédito ajudou, mas houve aumento na renda das pessoas. É aquela brincadeira: classe C de “crédito”? De “consumo”? É muito mais de “carteira de trabalho assinada”, que foi o que segurou as pessoas. Esse processo continuou até 2014. Vale lembrar que a renda em dezembro ainda crescia 2,5% per capita reais (acima da inflação).

O sr. ainda estava no governo durante a campanha eleitoral de 2014. Dilma fez tudo ao contrário do que prometeu. Qual sua avaliação?

Não gostei da campanha e foi particularmente duro para quem estava lá dentro. Houve um erro, até mesmo da própria ótica de quem quer se manter no governo. Não vejo sentido em anunciar que vai ser expansionista e virar conservador de uma hora para outra. O resultado foi o pior dos mundos.

Entramos em uma grande armadilha, e agora estamos em um momento diferente de um debate de campanha eleitoral, que tem duração limitada. Ainda faltam três anos e meio até o final do mandato e isso me preocupa muito.

Vai depender da capacidade das pessoas de perceberem que, sem solução conjunta, podemos perder muito mais tempo do que deveria.

F [Leia a íntegra
folha.com/no1675170](http://folha.com/no1675170)

RAIO-X MARCELO NERI

Idade: 52

Carreira: chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV-RJ, ex-presidente do Ipea e ex-ministro da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR) no primeiro governo Dilma

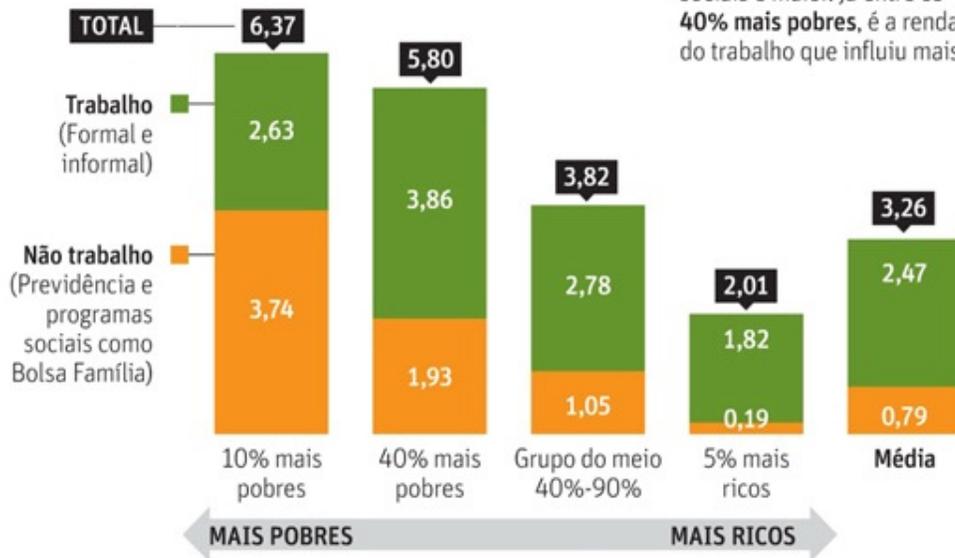
Formação: doutor em economia pela Universidade de Princeton, mestre e bacharel em economia pela PUC-RJ e autor de vários livros e estudos sobre renda e desigualdade

“ É como se o sujeito achasse que tinha ganhado na loteria e descobrisse que não, que os números sorteadores eram outros. Ele achou que tinha ido para o céu, mas continua na terra. Não é que ele tenha ido parar no inferno. O problema é que renda e emprego são os fundamentos da segurança familiar. Ir do céu à terra pode parecer, para alguns, como ir da terra para o inferno

O QUE EXPLICA A ALTA DA RENDA

Taxa de crescimento anual média da renda domiciliar per capita (2001-2013)

Crescimento, em %



Fonte: Pnad, elaboração Marcelo Neri



Marcelo Neri em seu escritório, na FGV, em São Paulo

Ricardo Borelli/FolhaPress